ENTRE LINHAS COTIDIANO

Nó na garganta

Mirna Pinsky

Projeto de trabalho interdisciplinar

Guia do professor

Este guia tem em vista a montagem de um mural temático, com textos, reportagens, fotos e desenhos sobre o preconceito contra crianças e adolescentes. O trabalho será realizado em três etapas. Inicialmente, os alunos serão motivados a ler integralmente o livro *Nó na garganta*. Na segunda etapa, atentarão para a forma como o tema do preconceito é tratado na obra e estabelecerão relação entre ela e alguns depoimentos reais. Em seguida, serão estimulados a realizar pesquisas, entrevistas e debates sobre o assunto. Finalmente, será montado o mural temático para exposição do material levantado pelos alunos. Você poderá realizar este projeto em parceria com os professores de História e de Artes.

Motivação para a leitura

Objetivos

- Motivar os alunos a lerem integralmente a obra.
- Propiciar um momento de reflexão a respeito da temática que será tratada na obra.

Este projeto de trabalho interdisciplinar integra a obra *Nó na garganta* (livro do professor). Não pode ser vendido separadamente© SARAIVA Educação S.A.

1. Peça aos alunos que se organizem em grupos e leiam o texto a seguir:

Preconceito se desaprende na escola

Ter preconceito significa formular conceitos e opiniões antes de conhecer a realidade. O preconceito nasce quando um certo grupo ou indivíduo defende com unhas e dentes sua identidade como sendo a única legítima. A do outro não é válida por ser diferente. O preconceito se forma em três dimensões. Primeiro ocorre a assimilação de conceitos errôneos. É quando se aprende, por exemplo, que "mulher é burra", "índio é preguiçoso" e "negro é sujo". Depois o medo do diferente cria um sentimento de insegurança, que gera ódio e desprezo. A terceira dimensão concretiza esse sentimento em violência legal (segregação) ou violência física contra as pessoas discriminadas.

A escola tem papel fundamental no combate ao preconceito porque participa da formação das crianças como cidadãos. Por isso, deve estar sempre preocupada em não reproduzir estereótipos, que podem ser definidos como rótulos usados para qualificar genericamente grupos raciais, étnicos ou de sexos diferentes.

(Camila Guimarães. Viva a diferença, abaixo o preconceito. *Revista Nova Escola*, dez. 1997.)

a) Peça aos alunos que procurem no dicionário o significado das palavras *preconceito*, *segregação*, *estereótipo* e *cidadão*.
b) Em seguida, discutam a seguinte afirmação, extraída do texto: "A escola tem papel fundamental no combate ao preconceito porque participa da formação das crianças como cidadãos". Os integrantes do grupo concordam com essa afirmação? Por quê?
c) Finalmente, diga aos alunos que, ao ler a obra *Nó na garganta*, terão oportunidade de perceber como atitudes preconceituosas podem prejudicar crianças, jovens e adultos.

Do texto ao contexto: uma questão de cidadania

Objetivos

- Ampliar o repertório dos alunos com relação à temática da obra, dando-lhes elementos para opinar a respeito dela.
- Desenvolver o espírito investigativo dos alunos.
- Levar os alunos a realizarem pesquisas sobre o tema.

2. Peça aos alunos que releiam os seguintes trechos do livro *Nó na garganta*:

   – Parece uma sombra – disse Luísa, rindo. – Preta daquele jeito! (p. 22)
   Um dia até tinham mexido com ela: – Olha, a Branca de Neve vem chegando – Luísa dissera meio alto pra Marisa. Era pra Tânia escutar e ela escutara. E tinha doído da mesma maneira que quando Rafael a tinha chamado de negrinha. (p. 43)

   Após a leitura, propicie um momento de discussão a partir das questões abaixo e, em seguida, peça-lhes que escrevam as suas conclusões:

   a) Como Tânia se sentia quando era tratada de forma preconceituosa pelas outras crianças?
   b) Você já vivenciou alguma situação em que se sentiu como Tânia? Como foi?

3. Agora, peça-lhes que releiam e comentem o seguinte trecho do diálogo que desencadeou a briga entre Rafael e Tânia no final da história:

   – Escravo por quê? Quem é escravo aqui?
   – Você, ué! Filho de escravo o que que é, hein?

– E meu pai é escravo por quê?

– Teu pai é empregado. Tua mãe é empregada. Eles estão aí pra servir. (p. 81)

A turma, ao lado, emudeceu. Ninguém tem vontade de rir. Ou fazer graça em cima dela. Porque isso significaria apoiar Rafael. E todos são filhos de caseiros ou jardineiros das casas dos veranistas. (p. 82)

Ajude os alunos a perceberem que as mesmas crianças que manifestavam preconceito racial em relação a Tânia notaram o preconceito social por parte de Rafael para com elas. A ideia é que eles compreendam que existem diferentes manifestações de preconceito e que uma pessoa pode, em um momento, ser preconceituosa e em outro, vítima do preconceito.

4. Leve para a classe o CD *Raça humana*, de Gilberto Gil, lançado em 1984. Nele está gravada a canção "Mão da limpeza", cuja letra transcrevemos a seguir:

O branco inventou que o negro
Quando não suja na entrada
Suja na saída
É, imagina só
Que mentira danada, ê...
Na verdade a mão escrava
Passava a vida limpando
O que o branco sujava
É, imagina só
O que o branco sujava
É, imagina só
O que o negro penava
Mesmo depois de abolida a escravidão
Negra é a mão de quem faz a limpeza
Lavando a roupa encardida, esfregando o chão
Negra é a mão, é a mão da pureza
Negra é a vida consumida ao pé do fogão

Negra é a mão nos preparando a mesa
Limpando as manchas do mundo com água e sabão
Negra é a mão de imaculada nobreza
Na verdade a mão escrava
Passava a vida limpando
O que o branco sujava
É, imagina só
Eta branco sujão

Trabalhe com os alunos a melodia e estimule-os a procurar no dicionário as palavras desconhecidas. Em seguida, faça-os perceber as alusões à escravidão, que vigorou no Brasil até 1888.
Você poderá verificar com o professor de História se os alunos já estudaram o tema e propor que façam uma pesquisa sobre o processo abolicionista e sobre a condição dos ex-escravos após a Abolição.

5. Depois de realizada a pesquisa, peça aos alunos que releiam o trecho do livro *Nó na garganta* transcrito no item 3 e estabeleçam uma relação entre a fala de Rafael e o tema tratado na canção de Gilberto Gil, no item 4. O aluno deverá perceber que, quando Rafael ataca Tânia, ele associa o fato de ela ser filha de empregados e negra à palavra *escravo*, o que tem uma relação direta com o fato de o Brasil ter sido um país escravagista durante quatro séculos.

6. Até aqui nos detivemos no tema central tratado na obra, isto é, o preconceito racial, sobretudo contra os negros. É hora de ampliarmos a discussão. Apresentamos a seguir um texto, intitulado "Crianças 'diferentes' são alvo de chacota dos amigos". Tire cópias dele, distribua-as aos alunos e leia-o em voz alta para a classe:

"Por que eu?" Com apenas 10 anos, Aline ainda tenta entender como virou o alvo preferido das maldades dos colegas. Tímida e vaidosa, ela passava os recreios com a zeladora da escola.*

* Nome trocado.

Quando soube, a mãe, a administradora de empresas Marlene Feres, 37, foi conversar com a filha. "Prefiro tomar lanche com a tia Célia porque as meninas não gostam de mim", disse Aline. A menina contou que uma coleguinha não quis sentar-se ao seu lado na perua escolar, chamando-a de "negra". Outra, ao vê-la de lábios pintados, comentou que "negro de batom é horrível".

"O que eu faço numa situação dessas: boletim de ocorrência contra crianças de 7 anos?", pergunta Marlene, que é branca – a avó paterna da menina era negra.

Aline passou por acompanhamento psicológico, está mais segura e aprendeu a se impor. Mas ficaram sequelas. "Ela faz tratamento para alisar o cabelo porque quer diminuir as diferenças", diz Marlene.

O caso de Aline não é, infelizmente, uma exceção. Muitas crianças e adolescentes sofrem por anos perseguições dos colegas por parecerem "ligeiramente diferentes": um cabelo mais crespo, alguns centímetros a mais, certa dificuldade para falar.

"As crianças são experts *em detectar dificuldades e inseguranças dos colegas: o chorão, a menininha, o banana", afirma a psicóloga Anne Lise Scappaticci, da Unifesp. "É como se depositassem no indivíduo algo de que não gostam neles mesmos, o que na psicoterapia é chamado de projeção."*

"Eu tinha um grupo de amigos que eram considerados os estranhos. Tinha a balofa, a antissocial e eu era a CDF", diz a estudante de comunicação social Simone Campos, 18, que integrava o time das discriminadas e lançou no ano passado o livro No shopping*, sobre relações na adolescência. Ela afirma que o problema começou quando virou ajudante da professora porque era "inteligente e quase não precisava estudar". "Acho que isso despertou um pouco de inveja e comecei a ganhar apelidos. Foi uma coisa que me acompanhou."*

O jogo de aceitação/exclusão fica mais complicado na adolescência, quando acatar regras para se enturmar vira quase obrigação.

"Até o 6º ano eu era cheio de amigos, mas os grupinhos começaram a se formar e eu não me enquadrei em nenhum", afirma o estudante Luiz Ganut, 16.

---

* Nome trocado.

Há dois anos em outro colégio, ele não tem mais problemas, mas reconhece que teve que se enquadrar para ser aceito pelos novos amigos. "Quando vejo alguém passando pela mesma situação, fico mal. Até tento fazer alguma coisa, mas posso arrumar briga e perder amigos."

Trocar de colégio é a saída? Nem sempre, dizem os especialistas. "A escola tem que tomar medidas para amenizar o problema", diz a psicopedagoga Raquel Caruso, 39, do CAD (Centro de Aprendizagem e Desenvolvimento).

Mesmo quem aceita as imposições pode encontrar resistência pelos motivos mais variados. "No começo, quando iam formar os times de futebol, ninguém me escolhia. Não queriam um bailarino em campo, apesar de saberem que eu jogo bola", afirma Leandro Vieira, 15, estudante e bailarino há oito anos, que mora em Itu (SP).

Leandro encontrou resistência já dentro de casa. "Imagine tudo isso numa cidade pequena. Meu pai e meus três irmãos não aceitavam e ainda diziam que minha mãe estava incentivando o filho a virar gay. *Se era assim em minha própria casa, imagine o que pensavam os meus colegas."*

(Mariliz Pereira Jorge e Débora Yuri. *Revista da Folha,* 8/4/2001.)

7. Depois de esclarecer eventuais dúvidas (de vocabulário e outras), a classe deverá dividir-se em grupos e fazer uma nova leitura do texto, levantando os tipos de discriminação nele apontados e sua interpretação, segundo os especialistas citados. Deverão também debater o assunto e contar casos semelhantes que presenciaram ou de que foram vítimas.

8. Em seguida, o debate deverá ser novamente aberto para a classe toda, para que todos possam partilhar das experiências narradas e de suas interpretações.

9. Oriente os alunos a fazer uma pesquisa sobre as diferentes formas de preconceito contra crianças em diferentes situações. Os trabalhos podem ser ilustrados com fotos ou desenhos feitos pelas próprias crianças.

10. Os alunos poderão também fazer uma enquete com pessoas da comunidade, perguntando-lhes se elas já sofreram ou presenciaram alguma forma de preconceito ou discriminação, como se sentiram e agiram diante do fato, etc. Os depoimentos poderão ser registrados e posteriormente afixados no mural.

Montagem do mural

Objetivos

- Propiciar um momento de interação com a comunidade local.
- Favorecer a criatividade.
- Promover a socialização.

11. Solicite aos grupos que, em conjunto, montem, em um corredor da escola, o mural temático contendo os resultados das pesquisas, as entrevistas realizadas, as conclusões dos debates. Poderão ser utilizadas também as redações feitas no Suplemento de Leitura. Os pais e outras pessoas da comunidade podem ser convidados para visitar a exposição dos trabalhos. Esta etapa do trabalho poderá ser feita em parceria com o professor de Artes.

Atual Editora